

## **BORDERLINE: COMPREENSÃO DOS VÍNCULOS AFETIVOS EXPRESSOS NA VARIAÇÃO ENTRE A DEPENDÊNCIA EMOCIONAL À INDIFERENÇA NAS RELAÇÕES**

### *BORDERLINE: UNDERSTANDING THE AFFECTIVE BONDS EXPRESSED IN THE VARIATION BETWEEN EMOTIONAL DEPENDENCE AND INDIFFERENCE IN RELATIONSHIPS*

**ILCKMANS BERGMA MUGARTE.**

• **RESUMO** - O trabalho visa a apresentação de um caso Borderline, com ênfase na organização do funcionamento psíquico, na dinâmica familiar e interações sociais, através do método de Rorschach e da abordagem sistêmica. O método utilizado foi o clínico qualitativo com estudo de caso e foram priorizados os dados associados à perturbação da identidade e a construção dos vínculos afetivos. O objetivo foi identificar associações entre a Representação de si e Representação de Objeto, a fim de interpretar os padrões de relacionamentos que evidenciam a compreensão dos vínculos afetivos expressos na variação entre a dependência emocional à indiferença nas relações. Os resultados revelaram que o Borderline apresenta dificuldades nos limites internos e externos e na capacidade de lidar com a fragmentação da identidade. Nesta perspectiva, a necessidade de afeto se instala de modo variável, revelando a natureza impenetrável dos vínculos. A relevância do estudo nos faz compreender, de maneira aprofundada, a personalidade Borderline, o que afeta não só a vida destes pacientes, mas também o modo de se relacionar e de se manifestar no convívio social e com seus familiares. Ambos os métodos, oferecem instrumentos que se prestam a medir as características, tanto com relação à dinâmica individual quanto à dinâmica relacional. Pretende-se com o estudo, propor aos profissionais e interessados neste tema, discussões e estratégias a fim de realizar uma avaliação ou direcionamento clínico para que estes indivíduos possam se adaptar melhor às manifestações desse sofrimento.

**PALAVRAS-CHAVE** - Borderline; Rorschach; Dinâmica Familiar

**ABSTRACT** - The present paper aims to present a Borderline case, with emphasis on the organization of psychic functioning, family dynamics and social interactions, using the Rorschach method and the systemic approach. The method used was the qualitative clinician with a case study and prioritized the data associated with identity disturbance and the construction of affective bonds. The method used was the qualitative clinician with a case study and prioritized the data associated with identity disturbance and the construction of affective bonds. The objective was to identify associations between Self Representation and Object Representation in order to interpret the patterns of relationships that evidence the comprehension of the affective bonds expressed in the variation between the emotional dependence and the indifference in the relations. The results revealed that Borderline presents difficulties in the internal and external limits and in the capacity to deal with the fragmentation of the identity. This personality organization favors vulnerability to frustration, the fear of abandonment, and the feeling of emptiness because it fails to achieve stability in the "good" and "bad" representations about the other. In this perspective, the need for affection sets in a variable way, revealing the impenetrable nature of the bonds. The relevance of the study makes us understand in depth the Borderline personality, which affects not only the lives of these patients, but also the way of relating and of manifesting themselves in the social life and with their relatives. Both methods provide instruments that measure characteristics, both with respect to individual dynamics and relational dynamics. The purpose of this study is to propose to the professionals and those interested in this topic, discussions and strategies in order to carry out a clinical assessment or guidance so that these individuals can better adapt to the manifestations of this suffering.

**KEYWORDS** - Borderline; Rorschach; Family Dynamics

## I. INTRODUÇÃO

O Transtorno Borderline (TPB) tem sido definido em termos descritivos, pelo *Diagnostic and Statistical Manual, V edition - DSM V* (APA, 2014) como um quadro complexo, em função da organização da personalidade sob conteúdos que descrevem os padrões emocionais e relacionais. A personalidade Borderline se revela através da instabilidade dos afetos e da dificuldade no autoconceito e autoimagem. Nos critérios de diagnóstico, são apontados como principais características a instabilidade afetiva; necessidade de evitar o abandono real ou imaginário; pensamentos paranóides; perturbação da identidade; impulsividade; sentimentos de vazio; raiva e ideação suicida.

*A personalidade Borderline, manifesta-se na ordem psíquica e com características multifatoriais, sob hipóteses inter-relacionais entre os aspectos individuais, familiares e sociais. Segundo [8], as convergências dos sintomas retratados, referem-se que na maioria dos casos, à personalidade Borderline se apresentar como uma ausência de identidade, permeada por uma atuação baseada em comportamentos imprevisíveis. Para Fonagy (1991), a caracterização de sujeitos imprevisíveis está vinculada a dificuldade de se relacionar com o meio de maneira independente, pois os mesmos, não desenvolveram esta autonomia.*

Para [9], a autonomia está ligada à fase de separação-individuação, composta por momentos distintos, mas que se entrelaçam no processo de desenvolvimento. A individuação é o movimento de fortalecimento da identidade. A separação é o movimento de diferenciação que cede lugar para que o processo de individuação aconteça. A consolidação do processo de separação-individuação advém das experiências de afastamento das relações significativas para o sujeito e que lhe permitem sair da condição de completa passividade. O sujeito que tem chance de desenvolver a individuação, pode ser mais capaz de funcionar independentemente e atingir uma identidade definida, até em certos aspectos, por toda vida. Indivíduos que não conseguem esta autonomia, não obtêm um grau de satisfação entre si e a “constância de objeto” [10] e, provavelmente não criam um sentimento de identidade coesa, uma autoimagem segura, individualizada e diferenciada. Verifica-se que as origens do processo de construção desta identidade Borderline pode ser rastreada por experiências na fase de separação-individuação, vinculadas às reações e sentimentos característicos deste período, que podem ter sido interpretados como insegurança e sentimento de abandono. Neste ponto de vista, a individuação é a maneira autônoma de agir frente ao mundo externo, sabendo que é preciso separar-se e individuar-se para continuar a existir.

Neste aspecto, nos casos Borderline, se instalam um conflito central referente ao medo de não conseguir proteger os limites da individualidade, isto é, de perder as fronteiras psíquicas. O Borderline tem uma dificuldade acentuada no processo de individuação e difusão da identidade, expressos

pelo corte e/ou dissociação de si e das relações. De acordo com [8], esta referência principal da identidade do Borderline está situada no corte entre si e as partes boas e más do objeto. Nessas referências, o objetivo é identificar associações entre a Representação de si e Representação de Objeto, a fim de interpretar os padrões de relacionamentos que evidenciam a compreensão dos vínculos afetivos expressos por atuações que variam da dependência emocional à indiferença nas relações.

Como a etiologia do Transtorno Borderline é multifatorial, foi dado um foco também nos fatores relacionados ao que Zept (2012) aborda como sendo a raiz das inseguranças, voltado ao campo dos vínculos afetivos, nos quadros Borderline. Este campo é o lugar onde estes indivíduos provavelmente criam seus vazios de mente, sentindo-se isolados e desamparados nos aspectos de cuidados e de proteção. Para atender aos objetivos desse estudo, foi relevante analisar as relações no contexto social e familiar do Borderline na perspectiva sistêmica, para compreender as experiências e os aspectos que favorecem a instabilidade nos mecanismos de aproximação em relação a Representação de objeto – uma associação que desperta a dependência afetiva do sujeito ou a angústia e medo de perder estas referências. Estas experiências caracterizam a vinculação afetiva e colaboram para a compreensão do surgimento dos sintomas ou traços que classificam a personalidade do Borderline como instável, impulsiva, agressiva, indiferente e/ou dependente.

Autores como [1], abordam que a formação e dissolução dos vínculos afetivos nos quadros Borderline estão ligados a um apego inseguro às relações. Na dinâmica familiar, pesquisas revelam os referenciais e as observações que permitem um entendimento sobre os padrões interacionais nos casos Borderline, produzidos pela construção de barreiras nas comunicações e situações que podem provocar a sensação de desamparo e falta de suporte e de identificação nestes indivíduos ([5]; [11]; [14]). Na dinâmica social, vincula-se à impossibilidade de atuação do Borderline, numa tentativa de neutralizar e não estabelecer contato. O meio evidencia situações ameaçadoras que não permite uma comunicação entre o dentro e o fora e, torna-se sendo invadido pela fantasia de um mundo imaginário e perigoso, de acordo com Chabert [19]. A maneira de se vincular pode ou não revelar sentimentos de segurança e valorização neste indivíduo e determinar o quanto poderão se sentir ameaçados pela dependência do objeto. Fica claro que estes pacientes apresentam forte demanda de amor e de afeto, mas ao mesmo tempo, tentam se defender desta dependência, com intensa hostilidade e agressividade à pessoa de quem se sentem dependentes [7].

Com o objetivo de demarcar os indicadores das características e do perfil de personalidades Borderline, são destacados aqui a organização do funcionamento psíquico, a dinâmica familiar e as interações sociais, através do método de Rorschach e da abordagem sistêmica. No aspecto da organização psíquica, [6] afirma que a compreensão humana se dá por meio do aprofundamento do mundo fechado do indivíduo, ou seja, pela análise da personalidade. A organização do

funcionamento psíquico pode ser vista como um mundo fechado que nem todos têm acesso. Através do método de Rorschach pode-se penetrar na compreensão do modo de ser no mundo. O modo de funcionamento é descrito por aqueles que possuem afetividade e sintonia com a realidade e com as relações, como também um modo de ser mais racional, distante e frio na maneira de se relacionar. Mas todos os modos são uma forma reveladora na manutenção e percepção da realidade. As questões levantadas sobre os casos Borderline, são relativas ao que faz um indivíduo estar mais próximo à realidade e ao que faz se distanciar de uma realidade concreta. É nesta polaridade que se encontra a expressão do quadro Borderline, constituído em um universo paralelo, onde se emprega a imaginação sensorial que muitas vezes não atinge o sentido do real em suas percepções. Nestes quadros há uma invasão do mundo fantástico que se mostra fragmentado e pode romper com as barreiras da realidade.

A compreensão dos quadros Borderline pode proporcionar um esclarecimento sobre como desfragmentar este perfil de personalidade, entendendo que estes indivíduos devem ser analisados como um ser-inteiro, capaz de reconhecer a si mesmo, capaz de aceitar-se, mesmo na possibilidade de perder suas fronteiras psíquicas [7]. Pode-se, em contrapartida, possibilitar aos profissionais em suas atuações, estimular modalidades de atendimentos que visem reestabelecer os vínculos afetivos. A proposta de pareceria às redes de suporte e de apoio aos pacientes *Borderline*, tem a finalidade de incentivar e encorajar o desenvolvimento gradual da autonomia, firmando as capacidades e resistências para suportar a presença e/ou ausência dos objetos. É preciso desenvolver habilidades para que se torne possível resgatar a função de ser protagonista de sua própria vida. Ser protagonista de sua história implica em dizer que a identidade é única e pode ser constituída dentro de si e as barreiras que ameaçam esta integridade, podem começar a ceder até que se encontre estratégias para se diferenciar e buscar o melhor modo de ser, mesmo que seja um modo de ser na personalidade *Borderline*. A interpretação dos protocolos considerou as forças e fraquezas do sujeito para disponibilizar as escolhas e os investimentos no que deseja. Nesta complexidade, o método de Rorschach e a abordagem Sistêmica mostraram-se complementares em identificar categorias e variáveis na compreensão deste fenômeno, propondo uma nova forma teórico-metodológicas para apreender este universo *Borderline* e possibilitar uma verdadeira expressão de sua subjetividade.

## II. OBJETIVO

Identificar associações entre a Representação de si e Representação de Objeto e os padrões de relacionamentos na formação vínculos afetivos expressos na variação entre a dependência emocional à indiferença nas relações.

## III. MÉTODO

### A. PESQUISA QUALITATIVA: POR MEIO DO ESTUDO DE CASO

### B. PARTICIPANTE

Família de Talyta: formada pela mãe - Dora, 67 anos e pai João, 70 anos, Talyta, 45, diagnosticada com Transtorno Borderline, Lêda, 43, Marcus 42 anos e Fabrício 40 anos.

## IV. ANÁLISE DOS DADOS

### A. DADOS DO TESTE DE RORSCHACH

Foram analisados os protocolos de Rorschach de acordo com a escola francesa ([18]; [4]; [16]).

### B. DADOS DAS ENTREVISTAS

Foram analisados de acordo com o método construtivo-interpretativo de González Rey [6].

## V. INSTRUMENTOS

- Roteiro de entrevista semiestruturada do Ciclo de Vida Familiar;
- Teste de Rorschach.

## VI. RESULTADOS E DISCUSSÃO

### A. TALYTA, DINÂMICA FAMILIAR E SUAS RELAÇÕES

*1ª Zona de Sentido: “Todos dependiam de mim” – Infância de Talyta e Aproximação dos Vínculos familiares*

Retrata a história de vida de Talyta e a aproximação dos vínculos familiares. Talyta é a filha mais velha do casal Dora e João e possui 3 irmãos, Lêda, Marcus e Fabrício. A família de origem é do interior de Minas, vieram para Brasília quando os filhos ainda eram pequenos. O pai era militar e a mãe dona de casa. Vieram para Brasília por meio de transferência, onde o pai acabou se desligando do exército e assumindo outra profissão. O pai trabalhava muito para sustentar os 4 filhos. A mãe desempenhava o papel de cuidar da casa e dos filhos. A mãe afirma que “(...) Encontrávamos sempre uma forma de ficar juntos... todos na barra da minha saia (rs)”. O pai descreve que sempre fez questão de conseguir proporcionar viagens ou passeios com os filhos, como afirma: “(...) *estávamos sempre juntos, mesmo nas barracas de acampamento.*”

A mãe relata que o pai estava presente, mas como tinha que trabalhar afirma, com certo orgulho de que “(...) *Todos dependiam de mim*”, inclusive “(...) *meu maridinho que sempre chegava em casa e achava tudo prontinho*”.

A mãe parece ter cultivado elos de dependência com os filhos e com o marido. Aparentemente sente satisfação em contar que todos ‘dependiam dela’, como se esta fosse a sua maior função, manter todos ao seu redor.

Os vínculos parentais parecem ter sido construídos no dia a dia mediante entrega, cuidado, proteção e afeto. Da forma como os pais contam, a família era fechada, só conviviam entre eles em um grupo sempre restrito. Aparentemente apresentaram muita proximidade nas relações com os filhos. Os pais relatam que tinham vida social, mas não enumeram situações.

*2ª Zona de Sentido: “Tive que cuidar da minha vida e meus filhos ficaram soltos no mundo” – Adolescência de Talyta*

Após o pai se estabilizar, comprou casa própria e ofereceu à esposa a oportunidade de trabalhar em um negócio. A mãe diz que não pensou duas vezes em aceitar esta proposta. A mãe afirma que esta fase significou muito para ela e diz que “(...) *Tive que cuidar da minha vida e meus filhos ficaram soltos no mundo*”. Conta que não avaliou que este período prejudicaria a sua dinâmica familiar.

O período em que a mãe começou a trabalhar fora, seus filhos mudaram alguns comportamentos, o filho mais novo (Fabrício) começou a se envolver com drogas. O Marcus começou a se envolver com Regina que trouxe muitos conflitos em ambas as famílias, pois os pais da menina não o aceitavam. A Lêda tinha vários namorados nesta época.

Talyta começou a trabalhar e buscar sua independência. Interpretou que “(...) *minha mãe nos abandonou nesta época*”. Os pais afirmam que a busca de independência partiu dela, não havia necessidade financeira para que ela se movimentasse desta forma.

Talyta parece ter sentido o impacto da mãe ter saído para trabalhar, após tanto tempo de dedicação à casa e aos filhos. Sobre isso fala que “(...) *Eu sei que era uma boa oportunidade para ela... mas nós não podíamos ficar sozinhos...por isso eu saía e ninguém mais me via*”.

*3ª Zona de Sentido: “Ninguém mais via Talyta” – Independência e afastamento de Talyta*

Esta fase retrata o início da fase adulta de Talyta, que sempre foi estudiosa e dedicada. Passou no vestibular de imediato e já trabalhava. Assim que conseguiu entrar para o serviço público, resolveu casar e sair de casa. Assumiu o seu relacionamento com Marcelo que já havia sido casado e tinha um filho, Frederico. Não envolveu ou consultou a família sobre suas escolhas. Segundo descrições da mãe: “(...) *Ninguém mais via Talyta*”. O pai relata que sentia orgulho que a filha tinha atingido sua estabilidade financeira e não percebeu o distanciamento familiar instaurado pelo fato da filha ter se casado. Já a mãe diz que “(...) *minha filha só vivia para aquele homem, parecia doença*”.

Quase que no mesmo período, Lêda se casou também, o irmão Marcus foi morar com a namorada em meio às confusões com a família de Regina. O filho mais novo, Fabrício continuava mobilizando a família com questões de drogas.

A mãe diz que não percebia o afastamento de Talyta porque os filhos homens demandavam mais cuidados e afirma “(...) *Eles nunca pararam de me deixar preocupada com eles*”.

A família passou a ter contatos mais espaçados, com encontros em datas comemorativas, mas estes momentos eram vivenciados por eles com muita emoção e proximidade. A mãe relata que “(...) *Nestes eventos, as pessoas de fora se incomodavam de nos ver juntos, pois acabávamos isolando o nosso núcleo familiar de todo o resto*”. Este relato aponta para uma maneira de se vincular intensa, mas que demonstra uma vivência muito próxima em alguns períodos, com afastamentos longos, mas que não chegam a caracterizar rupturas, apenas são entendidos como períodos em que não puderam

estar juntos. A mãe conta que Talyta durante o casamento, era a única que não procurava desenvolver este hábito de se aproximar deles, mesmo nos eventos.

*4ª Zona de Sentido: “Não pensava em ninguém...só na minha vida...vivia só a minha vida” – Indiferença de Talyta*

Retrata o período em que Talyta esteve casada com Marcelo. A mãe descreve que “(...) *Ninguém sabia o que se passava por lá*”. A mãe conta que a filha chegou a engravidar, mas perdeu o bebê. Relata que a família deu suporte, mas não descreve em detalhes como foi sentida esta perda, tanto para a família quanto para Talyta e justificam que ela acabou aceitando ter Frederico como ‘filho posticho’. Talyta, ao contar que perdeu o filho, não demonstra apego ou sofrimento, mesmo vivenciando um período de grandes expectativas na espera do 1º filho. Talyta descreve que “(...) *gostaria de ter tido um filho...mas não foi possível*”. A mãe relata que “(...) *ninguém gosta de comentar sobre este período*”.

Em relação aos irmãos, Talyta também mantinha uma relação superficial de visitas raras. Talyta diz que “(...) *Não dava espaço para ninguém se meter na minha vida*”. A mãe fala que ela sempre teve esta postura, mas todos percebiam que ela tinha necessidade de saber o que se passava na vida dos irmãos e dos pais, tinha sempre uma opinião agressiva em seus comentários. Talyta diz que não percebia a interferência dela na vida dos outros porque no fundo ela diz que “*Não pensava em ninguém...só na minha vida...vivia só a minha vida*”.

*5ª Zona de Sentido: “Antes só do que mal acompanhada” – Diagnóstico Borderline de Talyta*

Este período retrata o processo de separação de Talyta que passou anos vivenciando uma relação abusiva com Marcelo, segundo descrições da mãe. Quando questionada sobre este relacionamento, Talyta não apresenta consciência de que era uma relação abusiva. A mãe descreve: “(...) *Ela não tinha vontade própria...tudo era ele que determinava*”. Talyta resolveu se separar após traição de Marcelo e sobre esta situação diz que não pensou duas vezes e afirma que “(...) *Antes só do que mal acompanhada*”. Após a separação, começou a ter reações de agressividade frente a todos. Tinha uma atitude de desconfiança sobre tudo e todos. Antes de se separar já havia se desligado do emprego e passou a viver na dependência financeira do marido que só a deixou com um apartamento ainda financiado.

A família de Talyta parece ter reforçado a atitude de orgulho da filha em não buscar seus direitos judicialmente. A mãe relata que na época viram que a melhor opção era ela ter “(...) *se livrado finalmente daquele homem*”, mas conta que nunca interferiram na relação. Mas já nos casamentos dos filhos homens, sempre tiveram necessidade de controlar e tinham embates diretos com as respectivas esposas dos filhos.

Ao mesmo tempo, como ninguém ‘via Talyta’, ninguém sabia onde ela ‘se metia’, como ela ‘se resolvia’. A família não percebeu que após o término de casamento, Talyta tinha adquirido dívidas e não tinha mais nenhuma estabilidade financeira e começou a também manifestar instabilidades

emocionais. Neste momento precisou de atendimento psiquiátrico e obteve o diagnóstico de Borderline.

Após a separação e diagnóstico *Borderline*, Talyta hoje vive totalmente dependente dos pais, são eles que a mantêm. Ela ainda tem seu apartamento, não consegue se desfazer dele e as despesas são os pais que gerenciam. Hoje não consegue trabalhar, apenas faz uma atividade de síndica do seu prédio, que lhe traz uma renda mínima e não vê perspectivas de futuro.

Talyta não tem muita interação com os irmãos e cunhadas. Como sempre se manifestou de maneira arrogante perante estas relações, não conseguiu reestabelecer este elo. Ela acredita que não conseguirá mais se estabilizar no mercado de trabalho e não sabe como será sua vida no futuro ou quando os seus pais falecerem.

## B. DADOS DO RORSCHACH

### REPRESENTAÇÃO DE SI

#### a) Representação de si – Pranchas I e V

A Representação de si é explorada por [4] como questões relativas à identidade. Ao explorar o núcleo da identidade, verifica-se que em suas respostas, Talyta evoca uma fragilidade não específica do Ego, como na resposta:

R1 – “(...) *Um inseto*”. (Prancha I)

Talyta percebe-se como algo frágil ‘*como um inseto*’, que se manifesta de maneira passiva e inferiorizada. A necessidade de se defender das fragilidades, a faz reagir como na resposta:

R2 – “(...) *Uma máscara de Halloween*”. (Prancha I) *A Textura é escura para assustar*

Talyta reage como ‘*algo que assusta*’. Respostas de texturas expressam a necessidade de contato ‘*algo que pode assustar mas que necessita de afeto*’ e acaba usando todas as representações ligadas às simbologias do Halloween que podem significar um mundo de fantasias. Em alguns contextos o Halloween é visto como um meio de celebrar a boa colheita e abundância de alimentos e, em outros momentos, pode ser a possibilidade de cultuar os mortos e venerar a deusa celta que seria descrita como a deusa da perfeição. As máscaras e fantasias são meios de transformar a festa de Halloween em um evento temático. As respostas de Talyta, se misturam entre identificações superficiais, com personagens que são contraditórios ou clivados em conotações referentes ao bom e mau.

Ao ser confrontada, em estabelecer limites de dentro e o fora, manifesta um conflito na dimensão relacional ‘*peessoas de costas uma pra outra*’, mesmo sendo pertencentes ao mesmo núcleo de identificação ‘*como se fossem iguais*’ como na resposta:

R5 – “(...) *Duas pessoas de costas, uma encostada na outra, como se fossem iguais*”.

Em relação à integração da identidade, espera-se respostas H, ou seja, de humanos inteiros, para indicar a capacidade de identificação à imagem humana, à habilidade que fundamenta a identidade ([19]; [3]). Diante da possibilidade de identificar-se, surge uma resposta de (H), ou seja de humano

disfarçado em papel de ‘*bruxa*’. Esta resposta nos remete aos simbolismos que podem ser interpretados de maneiras contraditórias. Ao mesmo tempo, a ‘*bruxa*’ pode ser vista como parte de um imaginário maléfico e demoníaco, como também pode ser considerada como mulher sábia e com uma grande conexão com a natureza, como descreve:

R6 – “(...) *Uma bruxa*”. (Prancha I)

Talyta ainda mantém a mesma dificuldade de identificação em relação à Prancha V como nas respostas: R1 – “(...) *Dois rostos iguais*” (Prancha V)

R2 – “(...) *Duas pessoas de costas*” (Prancha)

*Mas as duas como se estivessem sendo refletidas no espelho*

R3 – “(...) *Duas pessoas idênticas*” (Prancha V)

Talyta, tem a percepção de mais de um objeto, mas passa a vê-los como idênticos, sem características que os diferenciem. Segundo Raush de Traubenberg, (1970/1998), a análise da prancha V é relevante na compreensão das questões identitárias. Os protocolos que apresentam respostas com conteúdo de estranheza, híbridas e de espelhamento (reflexo), nos remete a ideia de que Talyta tem a necessidade de aproximação ‘*como se estivessem refletindo uma imagem um do outro*’, como também tem a necessidade de afastamento ‘*como se estivessem de costas um para o outro*’. Estas respostas sugerem que o sujeito espera algo que defina as pessoas ou a situação, ficando dependente ou aguardando algo que o satisfaça positivamente ou que lhe dê proteção. Ao mesmo tempo, apresenta a ideia de que muita aproximação pode desencadear riscos de intrusão e invasão. Estas características denotam o estado limite do sujeito, que revela a necessidade de não conseguir ficar sem seu objeto e viver sozinho.

### IMPULSIVIDADE NAS RELAÇÕES

a) *Processo de Separação – Individuação – Prancha II, III e VII*

Algumas respostas de Talyta retratam uma impulsividade reveladas em situações vivenciadas através do processo de Separação – Individuação, como uma tendência de agir sem deliberação ou reagir imediatamente, sem refletir. Nestas situações, também apresenta angústias (referências ao branco e ao vazio) em suas percepções. Algumas representações sugerem que a mesma reage de maneira hostil em relação às pessoas; com inquietude e alteração psicomotora e, ao mesmo tempo pode se posicionar de maneira próxima e dependente.

*Mecanismos de ligação – Respostas de união / junção*

Talyta utiliza o mecanismo de ligação em suas respostas, unindo as situações sem estabelecer diferenciações. Suas representações são ‘*sempre idênticas*’. Para [3], estas respostas sem diferenciação e de (H) – humanos disfarçados, caracterizam uma problemática identitária, como expressa nas respostas: R1 – “*Máscara para se fantasiar*” (Prancha II)

*Vejo nestes vãos brancos*

R1 – “*Sempre dois idênticos*” (Prancha III)

### Mecanismos de Separação – Respostas de corte, dissociação, ruptura (Conteúdos anatmicos)

Neste processo de separação – individuação que é descrito

por Margaret Mahler [9], Talyta representa muita intensidade, ligada à agressividade ‘*dois tigres rosnando um para o outro*’ e como algo explosivo que manifesta na resposta de ‘*explosão atômica*’, como se a separação fosse terminar com tudo, ou seja, fosse finalizar as suas ligações. Ao mesmo tempo, faz referência a manter esta situação ‘*sobre o olhar do outro*’, alguém que a ‘*observa*’, que ‘*cuida*’, alguém que ‘*vigia*’, mesmo que isso cause angústia, como se também sentisse ameaçada pela dependência do objeto, como expressa nas respostas:

R4 – “(...) *Dois tigres, rosnando um para o outro...provavelmente para se separar*”. (Prancha VII)

R2 – “(...) *Uma explosão atômica...que acaba com tudo o que existe*”.(Prancha VII)

R3 – “(...) *Um olhar de máscara, que observa por este buraco branco*”.(Prancha II)

R2 – “*Dois duendes idêntico brigando*” .(Prancha IV)

Diante do vazio interior ‘*vãos brancos*’, há a necessidade de representar algo que possa lhe tirar de cena ‘*colocar uma máscara e se fantasiar*’, ou seja, tentar ser outra pessoa, procurar não se incomodar com a angústia e o vazio. Numa atitude de intolerância frente às frustrações, sua reação é de ‘*brigar*’ para obter recompensas imediatas, mas ainda se vê dependente do outro, como na resposta: ‘*dois duendes idênticos*’. Os duendes são vistos como seres mitológicos considerados os espíritos da natureza, figuras com capacidades mágicas. São considerados como símbolos de boa sorte e sucesso, mas também podem estar associados às forças do mal, tem habilidade para adquirir qualquer forma e cor, podem ser considerados seres violentos e sarcásticos que pregam peças nos humanos, ou seja, um ser endiabrado.

Estas respostas demonstram uma precária formação nos vínculos, pois não foi constituída a membrana limitadora entre o Eu e o não-Eu, ou seja, a realidade pessoal ou interna não está separada do meio externo. Embora exista fronteiras entre a realidade interna e externa, elas estão sempre ameaçadas. Há sempre um modo de invasão entre os polos da realidade e da fantasia, com conteúdos de perseverações que se repetem e que as vezes a faz se perder em um mundo de fantasia.

### REPRESENTAÇÃO DE OBJETO

Para [16], a representação de objeto no Borderline evoca respostas de medo, abandono e vazio, provocando forte sensibilidade à rejeição, o temor à solidão e ao conflito com o outro. Embora o Borderline tenha uma necessidade de conexão com os outros, na tentativa de preencher o vazio interno, manifesta-se diante deste outro com sentimentos de raiva e ódio, decorrentes das sensações de rejeição, incompreensão ou vitimização.

#### a) Identificação com as figuras parentais

##### Prancha IV

Talyta ao demonstrar um Eu fragmentado, não consegue se revestir de um grau de estruturação que lhe permita uma real independência. Acaba reagindo mal às frustrações, com atitudes compensatórias, representadas por ela como fragilidade de uma ‘*princesa que é beijada pelo sapo*’ e

por representações de domínio. Em suas respostas demonstra certo respeito às figuras de autoridade como na resposta:

R1 – “(...) *Um sapo gordo*”.

Simbolicamente, o sapo pode ser visto nas fábulas como um animal feio que se transforma em príncipe com o beijo da princesa. Em algumas culturas, o sapo é visto como algo que simboliza a riqueza, a prosperidade e a boa sorte. Estas características lhe dão poder, êxito, força e coragem. É considerado nas mitologias como um elemento masculino. Misticamente, o sapo pode estar associado a animais comuns para as bruxas, associado à morte, escuridão e veneno.

##### Prancha VII

Talyta, apresenta resposta de claro-escuro, com ‘*contornos vagos*’, de conotação ambivalente ‘*estrutura óssea*’, onde as partes mais claras são visualizadas como ‘*ossos*’ e as linhas mais escuras como ‘*ossos do quadril*’. Estas respostas indicam a ambivalência entre o sujeito e a delimitação e interação com a figura materna, situada entre momentos de aproximação e distanciamento. Respostas de raio X representam um meio de controlar as ansiedades frente às suas frustrações, através de recursos intelectuais, como vista na resposta: R1 – “*Quadril, uma parte do corpo humano, como se estivesse vendo essa imagem em raio X, como se fosse a estrutura óssea*”

## VII. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo estabeleceu uma compreensão das dimensões do quadro *Borderline*, com possíveis relações entre a dinâmica familiar, a história de vida da paciente. É dado ênfase nos aspectos que caracterizaram o seu ciclo de vida, o tipo de estrutura familiar, padrão de comunicação, padrão de regras, surgimento dos sintomas e tratamento/acompanhamento e relacionamento da família com outros sistemas sociais. As análises foram entrelaçadas sobre a perspectiva da dinâmica familiar, através de técnicas sistêmicas e o método de Rorschach. A partir das análises, foi possível caracterizar a organização do funcionamento psíquico, a dinâmica familiar e as interações sociais no quadro *Borderline*, identificando padrões de intensidade emocional que movimentaram os comportamentos imprevisíveis, de maneira confusa e desorganizada para atuar. A instabilidade é apresentada frente à consolidação do processo de separação- individualização, representada por situações que indicam muita aproximação na infância de Talyta e experiências de afastamentos, como na adolescência e no período de casamento. Estas experiências a fizeram reagir de maneira abrupta, afetando a sua capacidade empática, reproduzindo flutuações na maneira de lidar com às expectativas e necessidades. Talyta manifestou-se muito vulnerável às frustrações, com medo do abandono. Suas reações são de angústia frente às situações de desamparo. Apresenta resistências quanto a acreditar nas relações (após traição do marido), onde todas elas são representadas por personagens ‘*bons*’ ou ‘*maus*’. Esta dinâmica de personalidade *Borderline* demonstra o quanto os afetos interferem a vida do indivíduo, no modo de se relacionar e de conviver.

Ambos os métodos, ofereceram instrumentos que se prestaram a medir as características que revelaram que, a natureza dos vínculos, são impenetráveis, a menos que as pessoas saibam encontrar formas de diálogos que permitam ao outro a possibilidade de se conhecer, de se revelar, de dar espaço e dar passagem para se vincular.

Verifica-se que é preciso articular os pressupostos do olhar sistêmico, no sentido, de valorizar a história de vida do indivíduo, quanto a reestabelecer os vínculos e descaracterizar o que é interpretado como descuido ou falta de atenção dos pais, em especial sob a figura materna. Estas sensações de abandono, negligência, angústia de separação, falta de atenção acarretam prejuízos significativos aos vínculos afetivos em termos de estabelecer fronteiras e limites, dificultando a possibilidade de manter relações íntimas e duradouras com as pessoas.

Os resultados apontaram para representações que são convergentes entre os métodos de análises, interpretados com respostas que denotam distanciamento afetivo em quase todos os tipos de de relações, confirmando um modo de atuar ora na intensidade, ora na superficialidade mesmo com pessoas mais próximas. A organização psíquica e as dinâmicas relacionais, possuem uma base insuficiente nos vínculos, refletindo na fragilidade identitária. A fragmentação da identidade no Borderline, revela a dificuldade nos limites internos, expressos em uma atuação evasiva, um modo mais provocativo em estabelecer os limites, uma maneira de testar as pessoas para certificar o quanto elas estão disponíveis ao amor e à confiança no estabelecimento dos vínculos

Os dados oferecem instrumentos para que profissionais e interessados neste tema possam compreender o *Borderline* na perspectiva de sua dinâmica individual e relacional, a fim de realizar uma avaliação ou direcionamento clínico para que estes indivíduos possam se adaptar melhor às manifestações desse sofrimento. Os resultados foram alcançados em identificar e associar a Representação de si e Representação de Objeto, permitindo que os participantes pudessem explorar as dificuldades, os padrões disfuncionais, conflitos e sintomas, bem como, os potenciais e os aspectos preservados. As dinâmicas de atendimento, tiveram um reflexo positivo, como um espaço para reestabelecer os vínculos e traçar metas para um funcionamento que favoreçam sentimentos de apoio e cuidado. A ampliação das metodologias em abordar e acolher o *Borderline* imprimem a abertura para que a rede compreenda e desenvolva melhor os vínculos afetivos, minimizando os impactos das atuações entre dependência e indiferença emocional. O *Borderline* precisa expressar seus conflitos, procurando estratégias que o fortaleça para as quebras e rupturas, reestabelecendo a confiança básica necessária para investir nas relações, para que consiga funcionar e contar com os fatores de proteção. Esta abordagem visa compreender o *Borderline* como um ser-inteiro, firmando a autonomia para ser capaz de reconhecer a si mesmo, capaz de aceitar-se, mesmo na possibilidade de perder suas fronteiras psíquicas.

## Referências

- [1] Agrawal, H. R., Gunderson, J., Holmes, B. M., & Lyons Ruth, K. (2004). Attachment studies with Borderline patients: A review. *Harvard Review of Psychiatry*, 12, 94-104
- [2] American Psychiatry Association. *Diagnostic and Statistical Manual of Mental disorders - DSM-5*. 5th.ed. Washington: American Psychiatric Association, 2014.
- [3] Anzieu, D. (1988) *Os métodos projetivos*. Rio de Janeiro: Campus.
- [4] Azoulay, C., Emmanuelli, M., Rausch de Traubenberg, N., Corroyer, D., Rozenewajg, P., Savina, Y. (2007). Les données normatives françaises du Rorschach à l'adolescence et chez le jeune adulte. *Psychologie Clinique et Projective*, 13(1), 371-409. doi: 10.3917/pcp.013.0371
- [5] Chabert, C. (1998). *O Rorschach na clínica do adulto*. Lisboa: Climepsi Editores. (Original publicado em francês 1997)
- [6] Chabert, C. (2004) *A psicopatologia no exame do Rorschach* (N. Silva Jr., trad.). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- [7] Cowan, P.A. (1997) - *Individual and Family Life Transitions: A Proposal for a New Definition*. In: Cowan, P.A. Hetherington, E.M. (orgs.) -*Family Transitions*. Nova Jersey: Lawrence Erlbaum Associates, Publishers..
- [8] Eisenstein, V. W. (1951). *Differential Psychotherapy of Borderline States*. *The Psychiatry Quarterly*, 25(1), 379-401. Fonagy, P. (1991). Thinking about thinking: Some clinical and theoretical considerations in the treatment of a borderline patient. *The International Journal of Psychoanalysis*, 72, 639-656
- [9] Emmanuelli, M., Azoulay, C. (2008). *As técnicas projetivas na adolescência: Uma abordagem psicanalítica* (M. A. de Souza, Trad.). São Paulo: Vetor.
- [10] González R. F. L. (2002). *Pesquisa qualitativa em psicologia: Caminhos e desafios*. São Paulo: Pioneira Thomson Learning.
- [11] Kernberg, O. (1968). *The Treatment of Patients with Borderline Personality Organization*. *The International Journal of Psychoanalysis*, 49, 600-619
- [12] Mahler, M. (1982). *O processo de separação individualização*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1982.
- [13] Mahler, M.; Pine, F.; Bergman, A. (1977). *O nascimento psicológico da criança: simbiose e individualização*. Rio de Janeiro: Zahar.
- [14] Marvin, R. S., Stewart, R. B. (1990). A family systems framework for the study of attachment. In M. T. Greenberg, D. Cicchetti, E. M. Cummings (Eds.), *Attachment in the pre-school years: Theory, research and intervention* (pp. 51-86). Chicago, IL: University of Chicago Press.
- [15] Minkowski, E. (1999). *Traité de Psychopathologie*. Paris: Collection Les Empêcheurs de penser en rond. (Originalmente publicado em 1966).
- [16] Minuchin, S.; Rosman B. e Backer, L. *Psicossomatic Families: Anorexia Nervosa in context*. Cambridge, Mass: Harvard Universit Press, 1978.
- [17] Rausch de Traubenberg, N. Sanglade, A. (1984). Représentation de soi et relation d'objet au test de Rorschach: grille de représentation de soi. *Revue de Psychologie Appliquée*, 34(1), 41-57.
- [18] Stern, A. (1957). *The Transference in the Borderline Group of Neuroses*. *Journal of the American Psychoanalytic Association*, 5, 348-350
- [19] Traubenberg, N. R. (1998). *A prática do Rorschach*. São Paulo: Vetor.
- [20] Zepf, S. (2012). Do We Need the Concept of "Splitting" to Understand Borderline Structures? *The Scandinavian Psychoanalytic Review*, 35, 45-57.



**ILCKMANS BERGMA MUGARTE**

Psicóloga pelo Centro Universitário de Brasília (CEUB 1998), Graduação em Design de Interiores pelo Centro Universitário Planalto do Distrito Federal (2014), Mestrado em Psicologia pela Universidade Católica de Brasília (2012). Doutorado em Psicologia pela Universidade Católica de Brasília (2018) Docente: Professora Do Curso De Psicologia na Faculdade Anhanguera (Ministra aulas no curso de Psicologia / Direito e Enfermagem)

Psicóloga Clínica: Trabalha atualmente no INCB (Instituto de Neurociências de Brasília) / Clínica AME / Clínica Conviver / Consultório Particular - Atua principalmente na área clínica/ acadêmica e pesquisa -Áreas principais: Psicopatologia e Psicodiagnóstico / Rorschach / Atendimento a adultos, conjugal e Familiar -Aplicadora de testes em concurso público-Pesquisa: Atendimento Psicossocial a Crianças e Adolescentes com Transtornos Alimentares e Obesidade.

...

...